

UMA VISUALIDADE BARROCA COMO RESISTÊNCIA SISTÊMICA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO

Orlando Garcia

Resumo: Analisamos, nos textos abaixo, a visualidade barroca apresentada no jornal “*Folha de São Paulo*”, como um elemento de resistência às mudanças operadas por esse veículo de comunicação, por meio de elementos icônicos, tamanhos e formas das letras usadas nos títulos, fotografias, charges e textos diagramados. Analisamos, assim, antibarroquismos e barroquizações, variações de práticas culturais e credences populares, relações e contrastes existentes entre títulos e conteúdos dos artigos, certas diferenciações entre mestiçagem e miscigenação e algumas distinções entre capitalismo central e periférico. Para esta análise nos reportamos aos estudos de alguns autores como, Néstor Garcia Canclini, Vilém Flusser, François Laplantine, Maurizio Lazzarato, Martin-Barbero, Amálio Pinheiro, Boaventura de Sousa Santos e outros.

Palavras chave: Visualidade barroca, Antibarroquismo, Barroquização, Mestiçagem, Miscigenação

1. INTRODUÇÃO

Analisamos nos artigos como os elementos icônicos, fotografias, charges, tamanhos e formas das letras usados nos títulos e os textos diagramados, colocam em conflito, ou não, as séries culturais na imprensa atual de São Paulo e como alguns elementos da visualidade barroca resistem de forma sistemática na imprensa paulista, sabendo-se que a busca pela modernização dos jornais impressos consiste em eliminar as formas do barroco. Textos curtos, manchetes com letras garrafais prenunciando o que se

quer dizer no corpo do texto, predisposição em eliminar alguns conectivos, utilizadas para diferenciar situações, são elementos que utilizamos para desenvolver a análise dos artigos da imprensa escrita. Os textos dos jornais impressos, de maneira geral, preservam aspectos importantes do barroco, embora vê-se que há certas aproximações com os textos jornalísticos online, no que se refere à sua estrutura. Para analisarmos os textos jornalísticos da imprensa escrita priorizamos o que cada um possui em seus conteúdos, daquilo que consideramos fazer parte das características básicas do barroco, a exemplo do fusionismo, por tratar-se dos conflitos, da dúvida, do dilema, da indecisão e do contraste, todos compondo os mesmos textos, da contradição, cujas ideias estão, na maioria das vezes, em confronto com outras, o estrambótico, que apresenta no texto o incomum, o extravagante, o esquisito e o excêntrico, o conceptismo, como valorização da ideia no texto e o cultismo, que valoriza a expressividade das frases, a exemplo da sintaxe, da linguagem e dos jogos de palavras. Em geral, os jornais procuram manter um padrão e seguir regras comuns: “Para alcançar padrões de qualidade redacional e de estilo, os jornais da imprensa escrita procuram seguir determinadas normas, muitas delas comuns entre os diferentes veículos brasileiros, mas uma boa parte particular a cada jornal” (Magalhães, 1977, p. 29). Cada empresa de jornal possui especificidades próprias que lhe permite manter relações mais próximas com seus leitores, criando motivações para mantê-los permanentemente leitores assíduos: “O jornal impresso, afora obviamente congrega sistemas de idéias e de poder, situa-se num espaço concreto de relações culturais que lhe confere especificidade frente aos demais meios” (Pinheiro, 2009, p. 18).

2. ARTIGOS

Contardo Calligaris, ao escrever o artigo “Como falar com nossos filhos”, publicado na Folha Ilustrada do jornal *Folha de São Paulo*, em 21 de

agosto de 2014, em acordo com a charge estampada na mesma página, parece apresentar os pais como figuras monstruosas, conservadoras, imutáveis e excêntricas diante dos filhos – adultos que centralizam e unilateralizam suas convicções, que constroem modelos a serem seguidos pelos filhos, como um antibarroquismo presente em suas ações nas relações com os filhos.



Ao contrário, a barroquização desvia ou afasta tudo o que é de centro, se desvia daquele que procura se manter no centro e que é evidenciado na figura paterna mostrada no jornal. No processo de barroquização aproximam-se os elementos deformados, os elementos exagerados, os sobrecarregados, os exuberantes, os irregulares, os extravagantes e os conflituosos. A criança e o adolescente, de sua vez, preferem reconhecer no pai, não sua vida passada, mas suas experiências atuais, aquilo que o filho enxerga no seu próprio

tempo, já que este não aceita modelos prontos, criando ele próprio os seus: “Nossos filhos não querem saber quais são nossos sonhos de uma infância ideal; eles querem saber quem somos nós, hoje, adultos” (Calligaris, *Folha de São Paulo*, 2014). Vemos os elementos barroquizantes presentes no discurso que fala do estilo de vida atual das crianças e adolescentes. Para estes, o mundo é o lugar onde tudo é possível, daí o fato de ignorarem o passado, o arcaico, a vida organizada, rígida, normativa, ao invés disso preferirem o novo, o fragmentado, o efêmero, preferirem ver a vida como um quebra-cabeça de difícil adequação, como um desafio. No texto, pais e filhos vivem conflituosamente em mundos distintos; a imagem do pai apresenta-se arcaica e conservadora, enquanto a do filho revolucionária e transformadora e, ao que tudo indica, este último não parece ter consciência das consequências de sua liberdade: sem dia, sem hora, sem proibições, sem lugar apropriado para a realização de mudanças.

Fazer orações em busca da realização de algo é uma prática realizada pela Igreja católica na cidade de Ribeirão Preto e não é novidade no meio cristão. Tal comportamento, assim como outros do gênero, são comumente praticados pelas Igrejas Cristãs Pentecostais. Centenas de pessoas costumam reunir-se e, em orações, clamarem por “bênçãos divinas” com o intuito de solucionar vários tipos de problemas: os ligados a saúde, a questões financeiras, a fenômenos naturais, a vícios (principalmente álcool e drogas ilícitas) e outros problemas. Segundo o artigo do jornal, “Contra seca, padre de Ribeirão Preto reza missas por chuva”, de Gabriela Yamada, publicada na *Folha de São Paulo* em 29 de agosto de 2014, o texto da oração para pedir chuva usado na catedral de Ribeirão Preto é do papa Paulo VI (1897-1978), e portanto já utilizada anos atrás (Yamada, *Folha de São Paulo*, 2014). Mas, o texto escrito da autora, e a charge que simula um homem ajoelhado com as mãos cruzadas à frente de uma garrafa d’água postada num altar, tratam o assunto com tom de ironia e de maneira primária.



A questão, no entanto, aquém do argumento simples dado pela jornalista, assume outros contornos, fanatismos à parte, é sobremaneira barroquizante o uso de tais práticas religiosas argumentadas no texto, pois pressupõe variação em torno de práticas ligadas a bens culturais voltados às credences populares, ao folclore, às instituições religiosas e também a outros comportamentos políticos de grupos laicos da sociedade, todos convivendo, às vezes em conflitos entre o sagrado e o profano, outras vezes harmonicamente entre ambos, mas possibilitando sobretudo o encontro entre elementos exuberantes, irregulares, extravagantes e estrambóticos, como elementos culturais que se incrustam entre si. Todas as práticas que possibilitem a profusão de elementos da cultura caracterizam a barroquização. Uma vez que as práticas religiosas não coadunam com o hedonismo, compõem parte do processo barroquizante pelas possibilidades de variações que possibilitam.

Por que da necessidade de se criar ambientes para a reconstituição da vida de criminosos? Em Las Vegas existem dois museus criados para este fim – The Mob Attraction e The Mob Museum, Eles mostram acontecimentos e

objetos usados no mundo do crime que existiram principalmente entre o início e meados do século XX, em Nova York e Chicago. O objetivo desses museus em especial é certamente o combate ao crime, e não mostrar saudosamente a história ou a vida dos criminosos da máfia. Por assim dizer, esses museus do crime são funcionais e coadunam com os objetivos do capitalismo que são, entre outras coisas, o da preservação da propriedade privada e dos interesses dos donos do capital. Segundo a colunista: “O visitante pode ouvir grampos feitos pela polícia e aprender que ‘agasalhos verdes’, na verdade, são carregamentos de maconha”, e também: “Dá para sentar na réplica de uma cadeira elétrica e sentir o tranco de atirar numa metralhadora Thompson, favorita dos gângsteres” (Ezabella, *Folha de São Paulo*, 2013). No entanto, García Canclini diz-nos o seguinte:

o museu e a mídia, o Estado e as empresas privadas, avaliam seus resultados mediante a quantificação de seus públicos e quase nunca realizam estudos qualitativos sobre o modo como suas mensagens são recebidas e processadas. (CANCLINI, 2006, p. 141)

O que está posto é que os capitalistas se dispõem a investir em todo e qualquer mecanismo criado para defender o interesse do capital, indo o museu além da função de mostrar e ensinar história, adquirindo também a função de denúncia e estratégia de combate ao crime, e para isso, quanto mais público atingir melhor, não sendo tão importante a qualidade do público. No artigo destaca-se o contraste entre o mundo com e sem crime, destaca-se o conflito de interesses do sistema capitalista, como a defesa da propriedade privada e do capital, e a dos criminosos, que buscam retirar benefícios econômicos do sistema, por meio do crime organizado. É possível ainda visualizar no texto o uso da sintaxe como elemento de valorização e realce do mesmo. O título do artigo em letras garrafais: “Em Las Vegas, museus contam a história da máfia”, publicado por Ezabella em 16 de maio de 2013, na *Folha de São Paulo*, contrasta com o conteúdo do texto que expressa a preservação do interesse do sistema.



Tudo aquilo que se pensou ser, não é. O texto cujo título é “Mostra revê mestiçagem na arte do país”, de Silas Martí, publicado em 13 de agosto de 2014 no jornal *Folha de São Paulo*, está certamente falando sobre mestiçagem étnica, sobre miscigenação. “nesse panorama de arquivos históricos, obras inéditas e peças de mais de 60 acervos do mundo todo, a ideia de violência no trato entre as raças atravessa todos os trabalhos, algo às vezes latente, às vezes escancarado” (Martí, *Folha de São Paulo*, 2014). É claro que a história do Brasil contada através das obras de arte deve ser revista, ‘O homem negro’, pintura de Albert Eckhout criada em 1641, em evidência no artigo do jornal, mostra três pessoas simultaneamente no mesmo corpo: um negro, um índio e um europeu, sem contar os elementos arabescos que compõem a obra de arte.



O texto do jornal procura desconstruir a história brasileira contada nas obras, isto é, desconstrói um ponto de vista histórico, buscando, na contradição das obras artísticas, elementos para construir outros conceitos. “Moritz Schwarcz, entrevistada pelo jornal, aliás, lembra que a mostra entra em cartaz num momento em que se discutem direitos civis no país” (Martí, *Folha de São Paulo*, 2014). A exposição, segundo a opinião da antropóloga, é um acontecimento propício para o país, mas é também uma denúncia sobre o racismo histórico existente no Brasil, e sobre uma “história oficial” que procura amenizá-lo e que foi construído a partir delas. Como disse Adriano Pedrosa ao jornal, “Não é tanto uma história da mestiçagem. É mais uma mestiçagem de histórias”. Sem dúvida são obras mestiças e barroquizadas, das quais se podem construir variados pontos de vistas, implicando, portanto, que a história do Brasil contada através delas não pode ser verdadeira, pois não

pode ser única, e não pode ser única por não retratar apenas o ponto de vista de uma mistura racial democrática.

Na perspectiva do desenvolvimento econômico e tecnológico da sociedade capitalista, muitos brasileiros são alimentados pela ideia de crescer profissionalmente através dos estudos, como se o estudo fosse uma alternativa real de independência financeira e de sucesso profissional. Trata-se do jovem matemático Artur Avila que ganhou a medalha Fields, conhecido como o “Nobel da Matemática”. É o primeiro brasileiro a ganhar um prêmio de tal envergadura, no entanto, a reportagem da *Folha de São Paulo* do dia 13 de agosto de 2014, que tem como título “Pela primeira vez, um brasileiro ganha o ‘Nobel’ de matemática”, embora ocupe um espaço razoável na primeira página do jornal com foto e comentário do ganhador, não passa de propaganda enganosa do capitalismo, num país que investe pouco em ciência e tecnologia.



O texto mostra conflituosamente que entre a realidade dura de um país que luta para manter índices razoáveis de empregabilidade e inflação baixa e os programas do sistema capitalista que prevêm crescimento da produção industrial, crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e aumento das exportações, a distância é considerável, uma vez que as condições de cada país não são as mesmas, e os interesses são conflitantes:

No caso brasileiro, o desenvolvimento capitalista significou coisas distintas, em cada uma das três fases que marcam a evolução interna do capitalismo. Em nenhuma delas tivemos uma réplica ao desenvolvimento capitalista característicos das nações tidas como centrais e hegemônicas (quanto à irradiação e à difusão do capitalismo no mundo). (FERNANDES, 1981, p. 222)

O sistema capitalista não funciona de maneira uniforme em todos os lugares, tendo cada país seus conflitos de interesses oriundos das variações culturais promovidas pelos choques de interesses pessoais e coletivos. Na América Latina, e no Brasil em especial, as mesclas culturais adicionam e dividem concomitantemente interesses diversos. Por tudo isso, embora surjam casos como o de Artur Avila, premiados por apresentarem pesquisa de alto valor científico, são situações raras e que não correspondem à real situação de países como o Brasil. Segundo o ganhador do prêmio: “Esse prêmio serve para mostrar que existe pesquisa em matemática [no Brasil], que ela é uma área viva. Vai mostrar que não é só nos EUA ou na Europa que se faz pesquisa de ponta. Tira um pouco do complexo de vira-lata da comunidade científica brasileira” (Avila, *Folha de São Paulo*, 2014). Há, nas palavras do matemático, certa dose de ingenuidade quanto às exigências do sistema capitalista para que um país tenha de fato um desenvolvimento científico e tecnológico, ainda que seja esta a proposta ideológica do sistema para as nações neoliberais.

No capitalismo, no qual encontra-se direta ou indiretamente ligado o consumo, o desenvolvimento, o crescimento e o progresso são as palavras de

ordem em uso corrente. A charge e o texto escrito, do artigo de Pedro Luis Passos, “A indústria que queremos”, publicada na *Folha de São Paulo* de 29 de agosto de 2014, explicam razoavelmente as preocupações da atual sociedade, isto é, que a sociedade capitalista precisa de mecanismo que possibilite a aceleração da produção para aumentar o consumo.



Entretanto, segundo Maurício Lazzarato,

O mercado, tal como entende a economia política, não existe: aquilo que chamamos de mercado é, na verdade, a constituição/captação da clientela. Dois elementos são essenciais nessa estratégia: a fidelização da clientela e a capacidade de renovar a oferta através da inovação. (LAZZARATO, 2006, p. 110)

Ou seja, mais do que a preocupação com o consumo, o capitalismo preocupa-se em manter permanente o consumidor tornando-o fiel através da

captura de sua atenção e de sua memória (LAZZARATO, 2006). Essas características do capitalismo são de ordem mundial e não local, mas é exatamente em níveis locais, principalmente nos países pobres ou em desenvolvimento, como os da América Latina e países da África e Ásia, que ocorrem periodicamente, de maneira sistêmica, as crises geradas pela diminuição do consumo e pela estagnação econômica – a exemplo da diminuição das exportações e do consumo interno etc. A América Latina foi colonizada e explorada nos séculos XV e XVI por Portugal, Espanha, Holanda e França, e os países da África e parte da Ásia, disputados pelas nações do norte no século XIX e início do XX. A partir de então, “O mundo está a tornar-se, cada vez mais, um mundo de invasores que sofreram a experiência originária de serem invadidos” (Santos, 2008, p. 216). Podemos acrescentar ainda que a camada média da sociedade é a propulsora do consumo desenfreado na chamada “sociedade de consumo”, cujos valores éticos regulam normas sociais e buscam criar soluções para suprir as necessidades de consumo desenfreado da classe dominante e da camada média, adotando, para tanto, o modelo econômico dos países ricos. Para isso, se aliam a quaisquer programas que proponham desenvolvimento e progresso econômico e tecnológico, daí a votação maciça em candidatos políticos de países pobres que apresentam programas de governo neoliberais com uma política de controle do consumidor, à revelia de programas que proponham a distribuição de renda e o crescimento social para atender às necessidades da população carente. O contraste entre a luta pelo consumo de produtos de primeira necessidade e por produtos culturais barroquizantes da população pobre e a defesa pelo consumo geral da camada média é evidente nos meios de comunicação e, neste caso em especial, na imprensa escrita. O título do artigo, escrito em letras garrafais e colocado no centro da página com os dizeres “A indústria que queremos”, reflete o interesse da camada média da sociedade e do capitalismo, que norteiam seus interesses pelos chavões

“Ordem e Progresso”, de cunho positivista, e não nas necessidades da maioria da população. O chamado barroco brasileiro se distancia da denominação dada ao barroco europeu, uma vez que no Brasil, segundo Vilém Flusser, não teria havido barroco (Flusser, 1988, p. 83). Todavia, em detrimento de um debate teórico a respeito do significado do barroco, pensamos ter sido uma grande diferença, nessa experiência em especial, entre Europa e Brasil, o fato de aqui o processo de barroquização não ter sido linear, nem temporal e tampouco espacial. Em países com economia e tecnologia “em desenvolvimento”, como o Brasil, a barroquização amplia a noção das relações entre pessoas e com o consumo, assim como a mestiçagem cultural. O consumo ilimitado como regra geral do capitalismo mundial se opõe aos cruzamentos mestiços que ocorrem nos países latino-americanos, pois estes se dão aqui por meio de ritmos, de recursos lúdicos, de linguagens e da produção em geral, que mantêm entre si relações consumistas de menor proporção, relações assimétricas e deformadas, contrastando com as posições da camada média que busca a linearidade, o crescimento, o desenvolvimento e o progresso com vistas ao consumo ilimitado, muito valorizados nos países de centro.

3. CONSIDERAÇÕES

Notamos que há uma tentativa de modernização dos jornais impressos buscando eliminar as formas do barroco existentes neles. Essas formas barrocas existentes na imprensa escrita paulista, como indicamos na análise dos artigos acima, sofrem modificações ao longo dos anos, contudo, “o discurso não é um mero instrumento passivo na construção do sentido que tomam os processos sociais, as estruturas econômicas ou os conflitos políticos” (Martin-Barbero, 2006, p. 31), e sim, uma construção que depende do interesse e a quem o artigo está direcionado. Os jornais impressos, segundo Amálio Pinheiro, “devem ser considerados aqui como uma espécie de

produção gráfico visual, com códigos que estabelecem nexos especiais, isto é, diferenciados, com processos civilizatórios – o Brasil e a América latina – que subvertem, em boa medida, as fórmulas redutoras dos dualismos conceituais baseados na superioridade do acúmulo do conhecimento abstrato”.

Orlando Garcia é mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), Pós-Graduado em História, Sociedade e Cultura (PUC-SP) e Graduado em História (FAI). Pesquisa a cultura indígena e suas conexões culturais e mestiças com a produção midiática (televisiva e cinematográfica). orlandohist@ig.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro: em busca de um novo homem*. Gustavo Bernarndo (Org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *Mestizajes: De Arcimboldo a Zombi*. Trad. de Victor A. Goldstein. 1ª Ed. Buenos Aires: Fondo de La Cultura Econômica, 2007.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAGALHÃES, Manoel Vilela de. *Edição jornalística: manual para estudantes de comunicação*. Brasília: Senado Federal, 1977.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

PINHEIRO, Amálio. O texto em expansão: crônica jornalística e paisagem cultural na América Latina. In: _____ (org.). *O meio e a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

PINTO, Milton José. *Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa de. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.